

Mídia, fundamentalismo e terror: a lógica da barbárie

Deodoro José Moreira

Resumo

O termo fundamentalismo adquiriu conotação fortemente negativa após os ataques aéreos de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos, e a mídia impressa é uma das responsáveis por construir uma imagem distorcida do Islã. Neste trabalho, examinamos as construções da mídia e analisamos, sob o ponto de vista histórico, o fundamentalismo e o terrorismo, tendo como foco a mídia impressa nacional.

Palavras-chave:

Fundamentalismo, Terrorismo, Mídia

Abstract

The term fundamentalism acquired negative connotation strong after the aerial attacks of September 11, 2001 against U.S.A., and the media printed is one of the responsible ones for constructing an image distorted of islam. In this work, we examine the constructions of the media and analyze, under the historical point of view, the fundamentalism and the terrorism, having as focus the media national printed.

Key words:

Fundamentalism, Terrorism, Media

Discurso e construção do Islã

A mídia impressa nacional, nosso objeto de estudo, inverte valores essenciais do fundamentalismo islâmico? Para responder a essa pergunta, essencial neste trabalho, que irá analisar a imagem construída do Islã em matérias veiculadas no jornal *Folha de S.Paulo* e nas revistas semanais *Veja*, *CartaCapital* e *IstoÉ*, é preciso, antes de tudo, situar o nascimento do fundamentalismo em seu contexto histórico e ideológico. Para atingirmos nosso objetivo, lançamos mão da análise de discurso, com aporte da semiótica, o que possibilitará o entendimento do modo de construção de sentido e que efeito pode produzir no enunciatório (leitor). É importante salientar que o sentido nunca é dado antecipadamente, ele é construído ao longo do desenvolvimento do texto (considerando-se texto como um todo, ou seja, a ação das linguagens verbal e não-verbal) e na maneira pela qual o enunciatório “entra” no texto, ou melhor, como faz o percurso.

Esse entendimento virá da análise das estratégias comunicativas utilizadas pelos veículos para construir o Islã. Há que se notar que tais estratégias, neste caso que analisamos, sempre reforçam a associação do islamismo ao terrorismo, como veremos adiante. Ou seja, o Ocidente (entenda-se Estados Unidos) é a vítima de cruéis assassinos que não se importam em matar inocentes para atingir seus objetivos. Ocorre que para defender-se das ameaças do terrorismo islâmico, ou dos fundamentalistas, as forças ocidentais praticam ações preventivas. Ora, o que são essas tais ações senão terror disfarçado? O fundamentalismo ocidental não utiliza do mesmo meio que os muçulmanos? Percebe-se aí, como escreve Slavoj Žižek, a lógica da vitimização.

Especificamente nesse caso que analisamos, a imprensa nacional se apresenta apenas como

caixa de ressonância das agências internacionais, pois a maioria das matérias é construída apenas pela tradução pura e simples. Não há a presença do repórter *in loco*, para que interprete a realidade sob o seu prisma e não utilize uma outra visão, esta já na sua origem impregnada de vícios e ideologicamente discutível.

Mas para que haja um aprofundamento na discussão proposta, é essencial que se faça a relação entre os ataques aéreos de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos e a forte carga negativa impregnada no termo fundamentalismo.

Pós-modernidade e globalização

Após os ataques aéreos de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos, a mídia¹ passou a disseminar uma palavra que até então parecia um pouco distante dos leitores: o fundamentalismo. Nascido na modernidade, o movimento fundamentalista, inicialmente religioso e monoteísta, é construído pela mídia na pós-modernidade de um modo, no mínimo, controverso: está carregado de negatividade, pois, constantemente, aparece associado ao terror. É difícil encontrar alguém que não tenha ainda lido ou ouvido falar de fundamentalismo islâmico. A associação ao Islã, por vezes proposital e preconceituosa, deturpou o verdadeiro sentido da palavra. Nosso objetivo é apontar, utilizando exemplos, como a mídia impressa, especificamente um jornal diário de circulação nacional (*Folha de S.Paulo*) e revistas semanais de informação (*Veja*, *IstoÉ* e *CartaCapital*), faz essa associação, construindo uma imagem distorcida dos muçulmanos no Brasil e um entendimento incorreto do que vem a ser, na verdade, fundamentalismo.

Antes, porém, de iniciarmos a análise em relação à mídia, é fundamental que haja um entendimento das circunstâncias que levaram a esse estado de coisas explicitado acima.

¹ A imprensa, mais especificamente, por ser nosso objeto de estudo.

É imprescindível entendermos a origem do fundamentalismo, que é cristã e não islâmica. Antônio Flávio Pierucci (2004) acentua que “como figura histórica original, o fundamentalismo é cristão, ocidental e protestante. Mais especificamente, filho do protestantismo conservador do sul dos Estados Unidos. O Estado do Tennessee é seu ícone geográfico” (PIERUCCI, 2004: www.comciencia.br). Não deixa de ser um paradoxo o fundamentalismo nascer nos Estados Unidos e na atualidade estar associado, erroneamente diga-se de passagem, ao Islã, em tese, o principal foco da carga de negatividade que o termo assumiu a partir do evento de 11 de setembro de 2001.

Quando surgiram, entre 1909 e 1915, os fundamentalistas se colocavam em uma posição contrária à modernidade, ou seja, eram antimodernos. Ressalte-se que o termo fundamentalismo só veio a ser utilizado em 1920 pelo reverendo Curtis Lee Laws, editor do jornal *Watchman Examiner*. “Seu objetivo básico era defender o princípio da plena inspiração divina da Bíblia. Para os fundamentalistas, a Bíblia foi totalmente inspirada por Deus. (...) Estando escrito no livro sagrado, não há o que discutir” (PIERUCCI, 2004: www.comciencia.br).

Não é exagero afirmar que o fundamentalismo nasce no contexto da modernidade, mas negando a própria modernidade. A principal reação se dá contra a teoria evolucionista de Darwin, isso em 1925. Como a Bíblia diz que Deus criou o homem, os fundamentalistas lançaram-se em luta obsessiva contra a tese darwinista, que afirma que o homem descende do macaco por seleção natural. Negando a evolução biológica, os fundamentalistas acabariam por contaminar o próprio nome deixando-o carregado de negatividade. “Foi uma interessante reviravolta mediada pela mídia: perante

A imagem de intolerância sempre esteve associada aos fundamentalistas, isso, no entanto, não exclui a responsabilidade da mídia impressa em aumentar a tensão em relação aos povos islâmicos, pois tal designação, fundamentalistas

a opinião pública, a agressiva militância fundamentalista acabou maculando seu nome com a pecha de intolerância-com-ignorância” (PIERUCCI, 2004: www.comciencia.br).

A opinião de Pierucci ajuda-nos a explicar, em parte, o porquê de a mídia ocidental dispensar um tratamento ofensivo aos radicais islâmicos que pertencem a movimentos político-religiosos. Parte dos fundamentalistas islâmicos opta pela via violenta para impor sua ideologia, que se traduz em atentados contra civis; outros, a maioria, não aceita a opção pela violência.

A imagem de intolerância sempre esteve associada aos fundamentalistas, isso, no entanto, não exclui a responsabilidade da mídia impressa em aumentar a tensão em relação aos povos islâmicos, pois tal designação, fundamentalistas, é utilizada não apenas para nomear movimentos religiosos, mas também pessoas que defendem posições radicais em outros setores como o mercado, o político etc.

É importante ressaltar que não nos interessa somente apresentar o fundamentalismo como um produto da modernidade, ousamos afirmar ainda que o movimento tem sua faceta pós-moderna, que se materializa no jihadismo global de Osama bin Laden. O movimento de bin Laden é reconhecido como neofundamentalista. Trata-se de uma ruptura radical com o Islã histórico. A globalização da jihad de bin Laden ocorreu logo após o ‘exército de fiéis’ de Ayman al-Zawahiri, vice-líder da organização Al Qaeda, ter se instalado no Afeganistão.

Demétrio Magnoli explica que o

jihadismo global, movimento ao qual pertence bin Laden e seu grupo, é um herdeiro legítimo da ruptura Wahabi com o islã histórico mas é também uma ruptura com o próprio fundamentalismo, em vários níveis. Os neofundamentalistas islâmicos rejeitam o monopólio dos ulemás (sábios

corânicos) sobre o debate religioso e incorporam a linguagem antiimperialista à sua jihad. Eles não são pré-modernos, mas pós-modernos. (MAGNOLI in *Folha de S.Paulo*, 6 de março de 2005, p. 6).

A pós-modernidade do movimento de bin Laden materializa-se na utilização da internet para recrutar militantes para a Al Qaeda, uso de tecnologias na execução de atentados e movimentação de capital financeiro nas Bolsas mundiais, entre outros. Aliás, essa adaptação do movimento de bin Laden ao capitalismo global mereceu as seguintes indagações de Žižek:

As “organizações terroristas internacionais” não são o duplo obscuro das grandes corporações multinacionais – a máquina rizomática absoluta, onipresente –, embora sem uma base territorial clara? Não são elas a forma como o “fundamentalismo” nacionalista e/ou religioso se adaptou ao capitalismo global? (ŽIŽEK in *Folha de S.Paulo*, 11 de novembro de 2001, p. 10, 11).

A organização Al Qaeda assume uma posição vanguardista do ponto de vista político, como acentua o historiador inglês T. J. Clark, no sentido de ser a única que oferece uma forma efetiva de oposição ao poderio dos Estados Unidos. É claro que bin Laden sabe que não pode confrontar os EUA nos campos político, econômico e militar, mas impôs um castigo que humilhou os norte-americanos: o ataque às torres gêmeas do *World Trade Center* e ao Pentágono. Essa foi a forma encontrada para contestar o império. Os norte-americanos são vistos pelos fundamentalistas islâmicos como o Grande Satã, o inimigo que deve ser exterminado. Os Estados

Os Estados Unidos representam para os muçulmanos o fundamentalismo do mercado, cujo deus é o capital

Unidos representam para os muçulmanos o fundamentalismo do mercado, cujo deus é o capital, além de encarnar a figura do colonizador que pretende impor a democracia sob o ponto de vista do Ocidente.

Todo esse ódio contra o Ocidente tornou-se explosivo com o processo de globalização. Assim como Žižek (2003) e Jean Baudrillard (2003), defendemos que a globalização foi determinante para que os ataques aéreos de 11 de setembro de 2001 se materializassem e acendessem o estopim do radicalismo desenfreado.

Jürgen Habermas (2004), ao contrário, apresenta outra argumentação:

Se os realizadores organizados do ataque de 11 de setembro estão entre aqueles que se beneficiam dessa chamada globalização (poder capitalista, telecomunicação, tecnologia avançada, abertura das fronteiras etc.), eles ainda assim alegaram (injustamente, sem dúvida, embora sem grande efeito) estarem agindo em nome daqueles condenados pela globalização, todos aqueles que se sentem excluídos ou rejeitados, privados de direitos, jogados à margem do caminho, que só têm o meio dos pobres desta era de globalização (que é, hoje, a televisão, um instrumento jamais neutro) para testemunhar o espetáculo ofensivo da riqueza dos outros (HABERMAS, 2004: 131,132).

A afirmação de Habermas nos faz pensar que há um paradoxo. Bin Laden pretende implantar um califado pan-islâmico, baseado no Alcorão, mas, ao mesmo tempo, ele e seus seguidores se comportam segundo os padrões mais exigentes da modernidade: utilizam-se de tecnologias avançadas, conhecem os segredos do capital financeiro, como acen tuamos anteriormente, e sabem utilizar com precisão os recursos da mídia. A utilização

precisa dos recursos da mídia é componente essencial na estratégia de Bin Laden.

Os ataques aéreos de 11 de setembro de 2001 são exemplos disso. O saudita conseguiu fazer com que a mídia levasse sua mensagem ideológica para o mundo todo.

Na pós-modernidade, a perversão nas relações humanas, que é dominante, vê-se livre para manifestar-se em várias formas, como violência urbana, terrorismo. Podemos afirmar que há um esgarçamento do tecido social, onde o individual sobrepõe-se ao universal, característico da modernidade. Isso leva a uma desregulamentação, há uma pretensa falta de lei, onde tudo é permitido. A violência apresentou-se como um ritual islâmico, onde os suicidas, no caso dos ataques aéreos, ofereceram-se, em sacrifício, para serem vistos, seduzindo a todos para suas justas causas. Com o terror, a violência tornou-se mercadoria.

A ânsia de espetáculo da sociedade ocidental ficou estampada nas primeiras páginas de jornais do mundo todo no dia seguinte ao ataque (12 de setembro de 2001): imagens das torres gêmeas em chamas em tamanhos ampliados, como nas capas dos jornais *USA Today*, *The Examiner* e *Herald* (Anexo FIGS. 1, 2 e 3, respectivamente), “brindavam” os leitores com algo espetacular (chamas posteriores às explosões dos aviões contra as torres).

Equívocos e associações indevidas

Como acentuamos no início deste trabalho, o ataque aéreo trouxe definitivamente para o centro da mídia impressa a relação fundamentalismo-violência-terrorismo. No entanto, essa relação não deve ser estendida a todos os muçulmanos. Basyouni Ibrahim Hamada (2003: 102) comenta que a Conferência Islâmica, que aconteceu em Casablanca, em 1994, apresentou um código de

**O que se
depreende é a
tendência de a
mídia taxar todos
os muçulmanos,
fundamentalistas
ou não, de
criminosos e
associados ao
terrorismo**

conduta no qual isenta o islamismo de todos os atos terroristas que envolvam a morte de inocentes e condena fanáticos (fundamentalistas) e extremistas. Além disso, aponta que no Alcorão a única guerra permitida é a da auto-defesa, o que legitima os ataques contra forças invasoras, como é o caso do Iraque, invadido por Estados Unidos e aliados.

O comentário de Hamada mostra como é equivocado o posicionamento da mídia impressa ao associar fundamentalismo-violência-terrorismo. Na verdade, o que se depreende é a tendência de a mídia taxar todos os muçulmanos, fundamentalistas ou não, de criminosos e associados ao terrorismo. Tal percepção se torna ainda mais verdadeira quando apresentamos a síntese de uma pesquisa realizada pelo mesmo Hamada (2003: 103). Em seu estudo sobre a imagem que os profissionais ocidentais da mídia (especificamente jornalistas) têm sobre os árabes, encontrou uma predominância negativa da imagem árabe: 85,7% apontam que os árabes são fundamentalistas; 78% vêem os árabes como anti-Occidente; e 69% dizem que os árabes são agressivos. Em relação aos valores, 97% dos profissionais ocidentais da mídia avaliam que fundamentalismo é o principal valor que o árabe promove, além de 54% dizerem que a violência é o valor básico dos árabes.

O resultado da pesquisa de Hamada é preocupante, pois mostra que a maioria dos jornalistas ocidentais vê os muçulmanos como violentos e associados ao terrorismo, ou seja, uma visão totalmente distorcida e, como afirmamos no início deste trabalho, associam fundamentalismo à violência, o que demonstra ignorância em relação a este assunto.

Ainda em relação aos números apresentados por Hamada, é oportuno destacarmos a observação de Jacques A. Wainberg, para quem

há, na verdade, pouca sensibilidade para refletir pesadamente sobre a natureza do fundamentalismo wahabita de bin Laden. É mais fácil disparar a metralhadora retórica contra o fundamentalismo da ideologia política neoliberal, do modo de produção capitalista e de sua melhor expressão, o mercado mundialmente integrado (WAINBERG, 2005: 143).

Para exemplificar a simplificação com que a mídia impressa brasileira reduz o fundamentalismo, vale citar o olho de abertura da matéria Um caminhão de insanidade, da revista *IstoÉ*: “Morto num atentado brutal em Bagdá, o brasileiro Sergio Vieira de Mello, uma das principais estrelas da ONU, é vítima da luta entre o fundamentalismo do terror árabe e o sectarismo do governo americano” (FREITAS JR., *IstoÉ*, 27 de agosto de 2003: 75).

Como afirmamos acima, a associação entre fundamentalismo e terror retira qualquer positividade na significação do termo, pois reduz tudo à violência desmesurada que é utilizada em sua forma mais vil, ou seja, na morte de pessoas inocentes. Na verdade, o enunciador de *IstoÉ* seria mais prudente e verdadeiro se substituísse fundamentalismo do terror árabe por extremistas árabes.

O trecho citado acima não apresenta uma posição favorável aos Estados Unidos, pois trata de taxar o governo Bush de sectário, mas não o relaciona ao terror. Não é exagero afirmar que o governo Bush é fundamentalista, pois sempre associou a luta contra o terrorismo a uma missão divina. Isso ficou

claro quando logo após o ataque contra as torres gêmeas do *World Trade Center* e ao Pentágono (Bush) denominou a caçada aos autores do acontecimento de Justiça Infinita, numa clara referência aos valores divinos, além de afirmar que se tratava de uma luta do Bem (representado pelos Estados Unidos e aliados) contra o Mal, o outro fundamentalista (terroristas e os países que os abrigam).

O enunciador de *Veja*³ tem um posicionamento idêntico em um trecho da matéria sob o título “Terror para manter a guerra... e impedir a paz”⁴, em referência a um atentado ocorrido em Israel.

(...) O massacre dos inocentes em Jerusalém foi explicado por seus mentores – O Hamas e a Jihad Islâmica, as duas principais organizações fundamentalistas islâmicas da região – como um ato de revanche por um líder islâmico morto por soldados de Israel, dias antes (*Veja*, 27 de agosto de 2003, p. 48).

Novamente, como no exemplo anterior, associa-se terror a fundamentalismo. E essa associação é feita na definição clássica de terror, ou seja, o massacre de inocentes para atingir um objetivo. O enunciador de *Veja* quer fazer crer ao enunciatário que os fundamentalistas islâmicos vingam-se de ataques israelenses matando inocentes. Aqui é importante lembrar a observação de Hamada, apresentada anteriormente, sobre um dos tópicos do código de conduta elaborado pela Conferência Islâmica que aponta o islamismo como inocente de todos os atos de terrorismo que visem o assassinato de civis, pois tal procedimento é proibido por Deus.

A Folha de S.Paulo⁵ também adota estratégia semelhante. Na matéria que traz o

³Veja não atribui autoria à matéria.

⁴ matéria enfoca o atentado contra o prédio da ONU em Bagdá que vitimou o brasileiro Sérgio Vieira de Mello.

⁵Folha de S.Paulo não atribui autoria à matéria

título “É a hora da diplomacia”, afirma Rice”, há o seguinte trecho: “Rice comparou as ameaças do fundamentalismo islâmico ao comunismo e ao fascismo durante o século 20” (*Folha de S.Paulo*, 19 de janeiro de 2005, p. A 10). Apesar de o enunciador estar atribuindo a Rice a afirmação, associa fundamentalismo islâmico ao comunismo e ao fascismo, o que traz a idéia de perseguição, tirania, morte de inocentes etc.

Apresentamos duas capas de revistas semanais de informação: a edição nº 1.721 de *Veja*, de 10 de outubro de 2001 (Anexo FIG. 4), e a edição nº 163 de *CartaCapital*, de 31 de outubro de 2001 (Anexo FIG. 5).

Nota-se que as duas capas fomentam a mesma visão distorcida do fundamentalismo. O enunciador de *CartaCapital*, no olho, colocado abaixo da manchete “Wanted morto”, apresenta: “Bush ordena à CIA: ‘matem bin Laden’. Mas o terror e o fundamentalismo não morreriam com ele” (*CartaCapital*, 31 de outubro de 2001, p. 1). Nesse caso, o problema é duplo, pois, além da relação terror-fundamentalismo, percebe-se, por parte do enunciador de *CartaCapital*, uma visão de colonizador. A impressão é de que houve apropriação do discurso do ocidente (leia-se Estados Unidos e aliados), que pretende colonizar países árabes e implantar a democracia a sua maneira.

Já o enunciador de *Veja* apresenta-se mais despudoradamente radical, a começar pela manchete: com a palavra fundamentalismo sobre uma tarja preta traz o título “Fé cega e mortal”. A manchete é reforçada pela foto, que apresenta uma mulher vestida com a burka. A vestimenta impede que a mulher mostre o rosto. Logo abaixo, em um dos olhos, o enunciador ratifica sua posição, “Os fundamentalistas querem dominar o

mundo em nome de Alá” (*Veja*, 10 de outubro de 2001, p. 1). Ou seja, o enunciador tem uma visão totalmente distorcida do fundamentalismo e a propaga. Aliás, no olho há um erro absurdo: o enunciador diz que os fundamentalistas querem dominar o mundo. Mas quais seriam esses fundamentalistas? Ou seja, houve uma generalização imprópria do termo, pois há fundamentalistas islâmicos e cristãos, por exemplo.

Considerações finais

Com as análises apresentadas não pretendemos, contudo, afirmar que não há conexão entre fundamentalismo e terror. Entre os fundamentalistas islâmicos há, obviamente, os fanáticos ou extremistas que recorrem ao terrorismo como forma de buscar impor sua ideologia. Aliás, o terror como idéia política é recente, nasceu com a Revolução Francesa, mas suas origens são pré-modernas. No entanto, como acentua Terry Eagleton, em entrevista para a *Folha de S.Paulo*, “o fundamentalismo é avesso à violência. Poucos fundamentalistas islâmicos são de fato terroristas suicidas” (entrevista a CARVALHO no *Mais!*, *Folha de S.Paulo*, 8 de janeiro de 2006, p. 4).

Reside no fato apontado por Eagleton, que poucos fundamentalistas islâmicos são terroristas, a falha no tratamento que a mídia impressa dispensa ao assunto. Daí a construção equivocada do fundamentalismo. E onde começa esse equívoco, intencional ou não? Exatamente na maneira como os jornalistas ocidentais vêem os árabes. As análises apresentadas, corroboradas pela pesquisa de Hamada que informa que a maioria dos profissionais associa os árabes à violência, permitem esta conclusão.

**A falha no
tratamento que
a mídia impressa
dispensa ao
assunto começa
na maneira como
os jornalistas
ocidentais vêem
os árabes**

Atendo-nos mais à imprensa nacional, é importante ressaltar um outro componente, igualmente importante, a dependência dos veículos em relação às agências internacionais. Quanto a isso é oportuno apresentar a análise de Wainberg.

Decorre dessas características do consumo brasileiro do noticiário internacional a natureza pouco pretenciosa de sua oferta pela maior parte da imprensa. Elas tendem a replicar simplesmente o noticiário das agências internacionais, investindo pouco na produção nacional desse conteúdo, mesmo em situações de crise extrema, como o ataque dos seguidores de Osama bin Laden em 11 de setembro de 2001, em Nova York. Na verdade, esse caso revelou a extrema fragilidade e o despreparo da mídia nacional (WAINBERG, 2005, 136)⁶

Essa dependência torna-se um complicador a mais quando a associamos a um outro, a falta de visão histórica, como constatamos neste trabalho. A propósito, Eagleton, quando analisa a chamada Guerra ao Terror⁷, também toca neste ponto.

In the so-called war against terror, 'evil' is used to foreclose the possibility of historical explanation. In this sense, it has something like the function of the world 'taste' for the eighteenth century. In the disparagement of rational analysis which it suggests, it reflects something of the fundamentalism it confronts. Explanation is thought to be exculpation. Reasons become excuses. Terrorist assault is just a surreal sort of madness, like someone turning up at a meeting of the finance committee dressed as a tortoise (EAGLETON, 2005: 116)⁸

Esses três fatores, atitude preconceituosa em relação aos árabes, dependência das agências internacionais e ausência de visão histórica, contaminam a construção do fundamentalismo e, conseqüentemente, do terror na mídia impressa brasileira.

Sabemos que por trás do discurso midiático há uma série de componentes que implicam na construção do acontecimento, como posicionamento ideológico do veículo, linha editorial e preparo intelectual do jornalista. Para que ele exista (o acontecimento), é preciso nomeá-lo, como acentua Patrick Charaudeau. Atos terroristas são atos terroristas, mas para que sejam associados a todos os árabes há um longo caminho: é preciso inserir discursos de inteligibilidade, repito, há a necessidade de nomear o acontecimento. É exatamente neste ponto que acontece a distorção. Seria ingenuidade acreditar que o enunciador desconhece totalmente as implicações de suas ações na construção de determinado fato. O jornalista, como produtor da enunciação, é constantemente pressionado pela máquina midiática a produzir sem parar, e com qualidade, ou seja, vive a ditadura do tempo. Isso explica, sem dúvida, parte dos desvios discutidos neste trabalho.

Sobre o autor

Deodoro José Moreira, mestre e doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. É professor no curso de Jornalismo da União das Faculdades dos Grandes Lagos (Unilago), de São José do Rio Preto (SP). E-mail: dmor@terra.com.br

⁶ Wainberg faz essa análise tendo como foco o jornalismo praticado nas emissoras de TV nacionais, mas podemos estendê-la à mídia impressa, que sofre de problemas quase idênticos. A superficialidade, ponto importante discutido neste trabalho, é comum a ambas.

⁷ Empreendida pelo presidente norte-americano, George W. Bush, logo após os ataques aéreos de 11 de setembro de 2001.

⁸ (Tradução) Na chamada guerra contra terror, o "mal" é usado para excluir a possibilidade de explanação histórica. Neste sentido, tem algo como a função do gosto da palavra para o século 18. No descrédito da análise racional que isso sugere, reflete algo do fundamentalismo que confronta. A explanação é pensada como justificativa. As razões transformam-se em desculpas. O ataque terrorista é como um surreal surto de loucura, como alguém que gira sob uma reunião de um comitê de finanças vestido como uma tartaruga (Eagleton, 2005: 116).

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2001.
- BAUDRILLARD, Jean. *Power inferno*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- BORRADORI, Giovanna. *Filosofia em tempo de terror: diálogos com Habermas e Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CARVALHO, Sandra. Duelo de Titãs. *Folha de S.Paulo*. São Paulo: 8 de janeiro de 2006, Caderno Mais!, p. 4-5.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.
- DREHER, Martin N. *Para entender fundamentalismo*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- EAGLETON, Terry. *Holy Terror*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- FREITAS JR., Osmar. Um caminhão de insanidade. *IstoÉ*. São Paulo, edição nº 1.769, 27 de agosto de 2003, p. 1, 74-81.
- HAMADA, Basyouni. I. *Media, Violence and Terrorism in the Arab World*. In: Boafó S.T.K; Maguire, J; Coudray, S. *Media: violence and terrorism*. Paris: Unesco. p. 101-106, 2003.
- MAGNOLI, Demétrio. Diante da jihad global. *Folha de S.Paulo*. São Paulo: 6 de março de 2005, Caderno Mais!, p. 7.
- MOTTA, Luiz G. *Narratologia: análise da narrativa jornalística*. Brasília: Casa das Musas, 2004.
- PIERUCCI, Antônio F. *Ciladas da diferença*. São Paulo: 34, 2000.
- _____. *Criacionismo é fundamentalismo: o que é fundamentalismo?* In: www.comciencia.br/200407/reportagens/12.shtml (acessado em 20/11/2005).
- WAINBERG, Jacques A. *Mídia e terror: comunicação e violência política*. São Paulo: Paulus, 2005.
- ŽIŽEK, Slavoj. Bem-vindo ao deserto do real. São Paulo: Boitempo, 2003.
- _____. Senhores e servos. *Folha de S.Paulo*. São Paulo: 11 de novembro de 2001, Caderno Mais!, p. 10-11.

Anexos

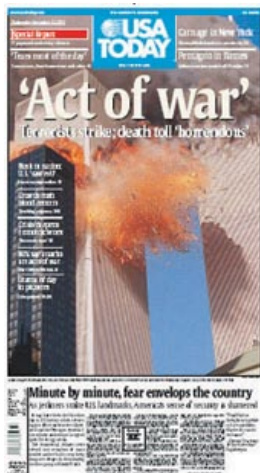


Figura 1
Primeira página do *USA Today*



Figura 2
Primeira página do *The Examiner*



Figura 3
Primeira página do *Herald*



Figura 4
Capa de *Veja*, edição nº 1.721



Figura 5
Capa de *CartaCapital*, edição nº 163